

RIO CIRCUITOS DIGITAIS

# Tecnologia em debate

Profissionais de destaque discutem o universo da inovação nas mais diferentes áreas

**BRUNO ALFANO**

bruno.alfano@extra.inf.br

**MARTA SZPACENKOPF**

marta.szpacenkopf@extra.inf.br

As mudanças e os desafios que a tecnologia impõe a todos, em diversas áreas, foram temas da série Rio Circuito Digitais, realizada pelo GLOBO. Ontem, os debates voltaram à tona, no terceiro e último evento deste ano. Durante toda a terça-feira, profissionais com experiências relevantes compartilharam informações com o público sobre questões que afetam o dia a dia das pessoas e das empresas.

Quais são as perspectivas da internet para os próximos 15 anos? O que acontece com as nossas informações quando são colocadas na rede? Como o mercado de música vem se adaptando, ao longo dos últimos anos, ao consumo digital? Estes e outros assuntos foram discutidos no auditório do Sistema Fecomércio, no Flamengo.

— Em todos os debates sobre tecnologia, o elemento humano apareceu de forma muito forte: a necessidade de dar uma boa ex-

periência às pessoas, de colocar um serviço ou uma campanha no contexto do consumidor, de ter pessoas conversando com quem

frequenta as redes sociais ou os aplicativos de uma marca — afirma a editora-executiva do GLOBO Maria Fernanda Delmas.

O público interagiu com os profissionais e fez perguntas pertinentes em cada um dos painéis.

— Os palestrantes adoram esse tipo de ambiente, pois sentem a eletricidade no ar. O efeito é um evento que casa a temática de mercado de trabalho e cultura digital em um clima dinâmico e bem-humorado — diz Alexandre Maron, editor-executivo de Produtos Digitais do GLOBO.

O Rio Circuitos Digitais é uma realização do GLOBO, com oferecimento do Sistema Fecomércio RJ e apoio do MSL. ●



O QUE FOI

DEBATIDO

NOS PAINÉIS

Veja a cobertura completa do evento de tecnologia

[oglobo.globo.com/sociedade](http://oglobo.globo.com/sociedade)

# NAS REDES, AS NOVIDADES NÃO PARAM DE SURGIR

## Foco nas novas maneiras de consumir música

O painel que abriu o evento mostrou como a tecnologia e os avanços digitais têm promovido grandes mudanças na indústria da música, incluindo os serviços de streaming. Essas adaptações do mercado foram tema de uma conversa que contou com a participação de Roberta Pate, gerente de relacionamento de artistas e gravadoras do Spotify, e de Andréa Thompson, gerente de digital e novas mídias da Som Livre. O bate-papo foi mediado por Silvio Essinger, jornalista do GLOBO. Roberta mostrou como o Spotify aposta em tecnologia para personalizar a experiência do usuário e entender melhor o seu comportamento.

—No Spotify, as pessoas acessam cada vez menos a página do artista. O usuário cria as próprias playlists, ou seja, pega a música, coloca no contexto que quer e compartilha com os outros. Em todo o mundo, há mais de dois bilhões de playlists criadas na plataforma — diz Roberta.

A tecnologia também traz novidades para as gravadoras divulgarem seus artistas. Segundo Andréa Thompson, serviços de streaming começaram a fazer parte das estratégias de lançamentos:

— O streaming passa a ser o novo rádio e o papel da gravadora passa a ser também promover seus artistas nessa plataforma. ●

## A privacidade e as suas fronteiras na internet

Não é segredo que a inovação digital produz dados e informações imensuráveis sobre os internautas e que podem ser usadas por empresas para potencializar lucros e até como uma ferramenta de controle por parte de governos. A discussão sobre as fronteiras da privacidade na web foram tema do painel que contou com a participação de Patrícia Fontes, *head* de Big Data da Globo.com, e Francisco Brito Cruz, diretor do InternetLab, centro de pesquisa independente sobre direitos e políticas na internet. O editor de conteúdo digital do GLOBO e do Extra, William Helal Filho, mediou a conversa.

As principais fontes de informações coletadas on-line são dados de navegação, cadastros e transações feitas. Segundo Patrícia, da Globo.com, a análise desses dados guia tomadas de decisão baseadas nas preferências de cada usuário.

Para Francisco Cruz, o direito à privacidade ajuda a proteger outros direitos, como a liberdade de expressão e a igualdade.

—A regulação é importante. O Marco Civil da Internet cobre uma parte de proteção de dados por provedores de internet. Mas bancos, seguros, varejistas, todo mundo usa dados pessoais coletados on-line. Acho injusto que não exista uma regulação para eles — crítica. ●

## Autenticidade é a chave para as empresas de hoje

A relação das empresas com seus públicos estratégicos foi tema de um debate entre o gerente sênior de comunicação integrada da Coca-Cola Brasil, Diego de Oliveira; a editora de software do site TechTudo, Melissa Cruz Cossetti; e o editor de mídias sociais dos jornais O GLOBO e Extra, Sérgio Maggi. Na conversa, mediada pela editora-executiva do GLOBO Maria Fernanda Delmas, ficou clara a necessidade de ter gente respondendo ao público nas redes e de enfrentar comentários negativos com transparência. Diego afirmou ainda que as empresas devem ter autenticidade ao lidar com os consumidores.

Ele, que é presidente do Comitê de Diversidade Sexual na Coca-Cola, lembra que criou uma campanha interna que vestia cem latas de Fanta com os dizeres: “Essa Coca é Fanta. E daí?”. A ação, que era voltada para os funcionários, extrapolou os limites da empresa com a viralização de fotos nas redes sociais.

— Eu nunca podia esperar aquilo. A ideia é tão crível e o contexto, Dia do Orgulho LGBT, era tão poderoso que explodiu. Essa frase era uma piada homofóbica que envolvia duas das nossas marcas. E a gente queria ressignificar — diz Diego. ●

## É possível prever como vai ser a web daqui a 15 anos?

Quanto mais dados, mais complexo o mundo. Nesse cenário, quem conseguir simplificar sairá na frente. A projeção é do designer Marcelo Gluz, sócio-diretor da empresa Outra Coisa. Ele dá como exemplo o Google: a página principal de um dos maiores players da internet não tem nada além de um campo para busca num fundo branco. Gluz e Ralph Lagnado, manager na área de Inovação da Accenture, discutiram como será a internet daqui a 15 anos. O debate foi mediado pelo editor-executivo do GLOBO Alexandre Maron.

— Está havendo uma mutação no homem. Em 2000, uma pesquisa canadense apontou que o ser humano consegue ficar 12 segundos ininterruptos prestando atenção. Em 2015, a mesma pesquisa descobriu que esse tempo caiu para 8 segundos. Um peixinho de aquário consegue ficar 9 segundos — brinca Gluz: — A cada dia, a tecnologia precisa ser mais simples para manter a atenção.

Já Lagnado explicou que a Inteligência Artificial é uma realidade cada vez mais parecida com a ficção. Ele conta que uma máquina foi desenvolvida para desafiar o campeão mundial de Go, um jogo de tabuleiro mais complexo que o xadrez. Essa máquina venceu o humano sozinha. No mês passado, ela ensinou outra a máquina a jogar Go. ●



**O Globo - RJ**

**Tecnologia em debate**

**Caderno: 1º Caderno - Página: 28 e 29**

**Publicado: 08-11-2017**

FOTOS DE PABLO JACOB



**Plateia atenta.** No painel sobre a relação das empresas com seus públicos estratégicos, Diego de Oliveira, gerente sênior de comunicação integrada da Coca-Cola, afirmou que as marcas não podem abrir mão da autenticidade

NA BALANÇA

## Necessidade de equilíbrio entre os mundos real e virtual

**É** fato que a tecnologia mudou a forma de conexão entre as pessoas. O telefone celular agora é parte permanente da rotina, ajudando a manter todos conectados o tempo inteiro. Apesar das vantagens do ambiente em rede, o equilíbrio é fundamental para manter as conversas reais, que só acontecem ao vivo. A relação saudável entre os mundos on-line e off-line foi defendida por Ricardo Moraes, fundador da Playbook Deck, uma plataforma em formato de cartas que funciona como um catalisador de ideias para ajudar na formação de empreendedores. Moraes falou no segundo minipainel do dia, que tratou das conexões e desconexões humanas e tecnológicas.

— Usamos o celular no meio de reunião, na sala de aula, atravessando a rua, fazendo compras. Estamos sendo influenciados pelo aparelho em diversas situações do cotidiano. Queremos estar conectados com todo mundo ao mesmo tempo, o tempo todo, mas nada substitui o potencial humano. As pessoas ficam juntas no mundo offline, porém não estão conectadas. E isso importa porque nada substitui o abraço, o carinho e a chance de ser humano. Essa possibilidade existe através das conversas — diz.

Apesar do uso em excesso, Moraes não demoniza a tecnologia. Ele acredita que a solução para a falta de diálogo que a tecnologia gera é o equilíbrio, com o uso das funcionalidades a favor das pessoas, sem substituir a conversa cara a cara:

— Podemos usar o mundo on-line para bus-



**Conversa.** Ricardo Moraes fala sobre conexões humanas

car respostas, mas precisamos do offline para pensar e criar as perguntas. Um chat não é uma conversa, são trocas de pedaços de informação. Conversa real só acontece ao vivo.

Embora poucas coisas na internet sejam mais simples do que ouvir um podcast, o modelo ainda não decolou no Brasil. O desafio de emplacá-lo foi tema do primeiro minipainel do dia, que contou com a participação de Mauro Amaral, *head* da *contemconteudo.com* e criador do podcast "Carreira Solo". O bate-papo teve mediação de Eduardo Rodrigues, do podcast Popzera, do jornal O GLOBO.

— Até hoje não tivemos uma grande divulgação para o público. É como se falássemos sempre para as mesmas pessoas — afirma Mauro — Nos EUA, tem um caso de sucesso, chamado Serial, que virou um blockbuster que parou o país para o último episódio. É um podcast roteirizado em que a autora revisitou um crime — afirma Mauro. ●



## ENTREVISTA Sandra Cortesi



**Intimidade.** Jovens grudados em seus celulares: discussões de agora vão ajudar a moldar o futuro das relações humanas com novas tecnologias

# ‘Devemos criar uma cultura familiar que inclua a tecnologia’

Sistemas de inteligência artificial vão reforçar ainda mais a influência das ferramentas digitais sobre crianças e jovens, diz pesquisadora

CESAR BAIMA  
cesar.baima@oglobo.com.br

Mestre em psicologia pela Universidade da Basileia, Suíça, Sandra Cortesi estuda a relação de crianças e jovens com as tecnologias digitais e mídias sociais no Centro Berkman Klein para Internet e Sociedade da Universidade de Harvard, nos EUA. Ela está no Rio para participar do Simpósio Global: Inteligência Artificial e Inclusão, que acontece de hoje a sexta-feira no Mu-

seu do Amanhã, no Centro do Rio. Cerca de 200 especialistas de mais de 40 países vão discutir como os avanços na área estão mudando o mundo. Sandra também é uma das principais participantes da única atividade pública do simpósio: o painel “A vida no futuro”, amanhã, às 18h. Confira parte da conversa dela com O GLOBO:

● **Estamos vendo a chegada à vida adulta da primeira geração dos “nativos digitais”, jovens que cresceram num mundo conectado. Como isso afetou seu desenvolvimento e como a inteligência artificial (IA) pode reforçar a influência destas tecnologias sobre crianças e jovens de hoje do futuro?**

Em muitas partes do mundo os jovens têm acesso cada vez maior e mais cedo às tecnologias digitais e aprenderam muito bem co-

mo usá-las. Assim, não é surpresa que isso teve grande impacto em todas as áreas da sua vida, como sua identidade, suas amizades, suas relações, assim como as maneiras como aprendem e se expressam. Não é muito diferente do que aconteceu com os adultos. Mas sobre as tecnologias de IA, ainda não temos muitos estudos sobre seu impacto nas crianças e jovens. Temos duas áreas que apenas estamos começando a explorar: a IA na educação e aprendizado, como o desenvolvimento de tutores ou assistentes virtuais, e a IA no bem-estar mental dos jovens, com algoritmos que possam detectar seus humores, se estão deprimidos ou estão tendo pensamentos suicidas, numa estratégia de prevenção ou intervenção.

● **Atualmente já vemos este tipo de tecnologia criando “bolhas digitais” que, de certa forma, “li-**

mitam” o acesso a informações de acordo com o que calculam ser nossos interesses e preferências, reforçando assim ideologias e vieses cognitivos. A introdução da IA nesses algoritmos exacerba ainda mais isso?

Claramente a IA tem e terá um impacto cada vez maior no desempenho destes algoritmos, que já estão influenciando fortemente as informações que vemos nas mídias sociais, como o Facebook. Isso não vai desaparecer e muito provavelmente vai se intensificar, mais uma vez afetando não só os jovens como os adultos. E é por isso que encontros como este simpósio são tão importantes. Precisamos discutir se queremos que estes algoritmos sejam definidos de uma maneira que tenha um resultado positivo para a sociedade, como, por exemplo, se devem ser justos e inclusivos, levando em conta questões como a diversidade etc.

● **Então a IA poderia ser usada para melhorar estes algoritmos, tornando-os mais abertos e conscientes à diversidade de informações disponíveis, de forma a romper estas “bolhas”, ou nos instigar a sair delas?**

De modo geral sou otimista, mas creio que os algoritmos com IA podem tanto reforçar estas “bolhas” quanto ajudar a rompê-las. Por isso temos uma grande responsabilidade como sociedade, não só os jovens como famílias, professores, empresas de tecnologia, criadores de políticas e tomadores de decisão, de trabalharmos juntos quanto a isso. Todos conversando para coletivamente desvendarmos que tipo de mundo queremos criar, como queremos que estes algoritmos sejam.

● **E o que os pais podem, ou devem, fazer na relação de seus filhos com as tecnologias digitais e de IA?**

O importante é procurar se informar que tipos de novas ferramentas estão disponíveis. A partir daí, ter uma conversa honesta com seus filhos sobre o que estão fazendo, o que mais gostam, de uma forma que não seja criar regras e proibi-los de usar as coisas. As pesquisas mostram que abordagens regulatórias, em que os pais, por exemplo, proibem os filhos de usar algo, não funcionam. Se a criança quiser usar aquela tecnologia, ela vai encontrar uma maneira. Deve-se criar uma cultura familiar que inclua a tecnologia. ●

### Como participar

As inscrições para o painel público “A vida no futuro”, que acontece amanhã, a partir das 18h, no Museu do Amanhã, estão abertas no site <[www.museudoamanha.org.br](http://www.museudoamanha.org.br)>



DIVULGAÇÃO

## Com adesão da Síria ao Acordo de Paris, EUA ficam isolados

**Trump não foi convidado 'por enquanto' para cúpula que reunirá 100 países**

Enfim, só. Os Estados Unidos se tornaram ontem o único país resistente ao Acordo de Paris, pacto mundial firmado em 2015 contra o aumento da temperatura global. Assolada há seis anos por uma guerra civil, a Síria anunciou, em uma sessão plenária da Conferência do Clima de Bonn (COP-23), que também se vê como responsável pelo planeta e manifestou sua intenção de assinar o acordo.

Representantes do país revelaram que o governo de Damasco adotou uma lei que permite a ratificação do acordo contra as mudanças climáticas. A Síria, no entanto, permanecerá priorizando assuntos

nacionais, como a reconstrução da infraestrutura arrasada pelos confrontos entre o governo e rebeldes.

### **SEM CONVITE PARA TRUMP**

O isolamento dos EUA foi reforçado ontem também pela informação de que o país liderado por Donald Trump ainda não entrou na lista de convidados para a cúpula sobre aquecimento global que será realizada em dezembro em Paris. O presidente francês Emmanuel Macron já convidou mais de cem chefes de Estado e governo, mas Trump não está entre eles.

De acordo com o Palácio do Eliseu, o republicano não recebeu o convite "por enquanto", mas representantes do governo americano ainda serão chamados. O encontro "One Climate Summit" ("Cúpula de um planeta", em tradução livre), organizado em conjunto com a ONU e o Banco Mundial, deve contar com a presença de 800 organizações e entidades públicas e privadas.

O governo francês espera que a cúpula seja usada para arrecadação de recursos entre fundos de investimento e bancos de desenvolvimento para viabilizar a implementação do Acordo de Paris, que completará o seu segundo aniversário. ●